

EXPOSIÇÃO, 6 A 28 DE NOVEMBRO, CAFÉ-TEATRO

BLAKE
NO TAGV

7 VISÕES
DE WILLIAM BLAKE

7 VISÕES DE WILLIAM BLAKE

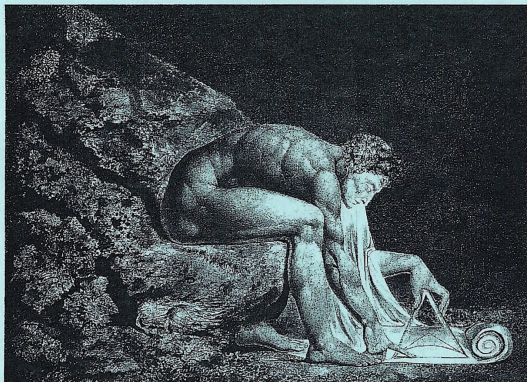
ANTÓNIO OLAIO

Watching Newton from Outerspace

Óleo sobre tela, 200x50 cm, 2007

a partir da gravura «Newton» (1795, c. 1805), impressão planográfica a cores sobre papel, com acabamento a tinta e aguarela, 45x60 cm

© Tate Gallery



A figura de Newton terá sido desenvolvida a partir da figura de Abias, que surge num dos frescos de Miguel Ângelo representando os Antecessores de Cristo no tecto da Capela Sistina, e que Blake copiara a partir da gravura de Giorgio Ghisi. As reproduções em gravura de obras de Miguel Ângelo exerceram considerável influência em algumas figuras e composições de Blake. Esta figura desenvolve também um desenho anterior de William Blake, incluído na obra *Não Há Religião Natural* (c. 1788), em que um homem ajoelhado faz um desenho no chão usando o compasso. Newton representa o homem racional obcecado consigo mesmo e com o real como mera exterioridade mensurável. Na mitologia de Blake,

Newton é também a figura que, no poema *Europa* (1794), sopra as trombetas que acordam Enitharmon e desencadeiam a Revolução Francesa. O motivo do compasso surge ainda na gravura *Deus Criando o Universo* (incluída em *Europa*, 1794), uma paródia do frontispício da edição de luxo de 1729 dos *Principia Mathematica*, de Newton. O compasso simbolizaria a imposição de limites ao infinito da experiência pela razão não tocada pela imaginação e confinada ao mundo material.

Watching Newton from Outerspace.

A gravura de Blake que representa Newton, representa-o curvado traçando com o seu compasso desenhos sobre um papel pousado directamente no chão. Chão que aqui é sublinhado pela força de gravidade dominante, quase esmagadora. Newton aqui é imagem de uma racionalidade cujo universo é o chão.

Na tela que fiz valorizei a verticalidade, todo o espaço para onde este Newton não olha. E, ao mesmo tempo, denuncio o artifício ao representar alguém que mimetiza a pose deste Newton de Blake, e que olha para nós não procurando esconder a farsa. Mas, sendo o modelo um aluno de arquitectura, é uma farsa que transporta algo de verdade, na ideia de arquitectura enquanto produto e produtora de experiência estética mas que, ao mesmo tempo, a tem que articular com os limites de uma racionalidade utilitária. E, olhando este Newton a partir do Espaço, podemos tentar imaginar um ponto de vista sem coordenadas, um ponto de vista absoluto, onde a racionalidade se poderá dissolver na plasticidade pura, no campo infinito da possibilidade.

António Olaio

ANTÓNIO OLAIO nasceu em Sá da Bandeira, Angola, em 1963, vive e trabalha em Coimbra, onde é professor no curso de arquitectura da universidade. Em 2000 foi aprovado o seu Doutoramento na Universidade de Coimbra, tendo como tema de dissertação: *O campo da arte, segundo Marcel Duchamp*. A evolução do seu trabalho como performer na década de 80 levou-o a assumir o papel de cantor, entre 1987 e 1994, com o grupo Repórter Estrábico, participando no cd *Uno Dos*, e, desde 1994, com o músico João Taborda, tendo editado os cds *Loud Cloud*, 1996, *Sit on my soul*, 2000 e *Blaupunkt blues*, 2007.

Das exposições individuais mais recentes destacam-se *I think differently, now that I can paint*, Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, e *Under the stars*, galeria Zé dos Bois, Lisboa (2006), *Pictures are not movies*, galeria Filomena Soares, Lisboa (2005), *40 years in a plane* – Kenny Schachter *conTEMPorary*, Nova Iorque e *I'm growing heads in my head*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (2004), *You are what you eat* – Centro Cultural Andratx, Palma de Maiorca (2003), *Telepathic agriculture*, galerie Schuster, Frankfurt, e galerie galerie Schuster & Sheuermann, Berlin, e *What makes a home a house?* - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2002) e *Foggy days in old Manhattan*, Galeria Filomena Soares, Lisboa, Exposição antológica dos seus vídeos integrada na série de exposições *Slow Motion* - ESTGAD, Caldas da Rainha (2001).

ARMANDO AZEVEDO

Criação

Desenho/colagem sobre madeira, 98x67,5 cm, 2007

a partir da gravura 1 de *Europa uma Profecia* [conhecida também como «The Ancient of Days» ou «God Creating the Universe»] (1794), água-forte em relevo, impressão a cor, coloração a aguarela sobre papel, 23,4x16,9 cm
Exemplar B © Biblioteca da Universidade de Glasgow



Uma figura nua masculina dobra-se sobre um círculo, possivelmente uma representação do sol. O cabelo e a barba parecem soprados para à esquerda pelo vento. O joelho e o pé esquerdo sobressaem, enquanto a perna direita está ajoelhada. A figura está dobrada sobre si mesma e olha para baixo. Tem nas mãos um compasso. Trata-se provavelmente de Urizen, no acto de criar ou de circunscrever o universo material. Esta gravura, uma das mais conhecidas de William Blake, tem sido designada também como «The Ancient of Days» ou «God Creating the Universe».

e da gravura «The Good and Evil Angels Struggling for Possession of a Child» (1795, c. 1805), impressão planográfica a cores sobre papel, com acabamento a tinta e aguarela, 44,5x59,4 cm

© Tate Gallery



Trata-se de mais um dos aspectos da divisão do ser humano, a que Blake deu diversas personificações. A figura agrilhoada pode ser identificada com Orc, filho de Los e Enitharmon, e símbolo da energia e da revolta. O seu aprisionamento é descrito n' *O Livro de Urizen* (1794) e em *América uma Profecia* (1793). Aqui surge mais velho e (nesta versão de 1805) cego. A outra figura é Los, a força imaginativa do Ser Humano, igualmente susceptível de cair para um estado negativo, como acontece ao acorrentar Orc por ciúme. A criança pode representar a inocência perdida do Ser Humano indiviso, agora dilacerado entre os dois anjos. Este desenho deriva de um outro que surge n' *O Casamento do Céu e do Inferno* (1790), e que ilustra o passo seguinte:

«Todas as Bíblias ou códigos sagrados têm sido as causas dos Erros seguintes:

1. Que o Homem tem dois princípios reais de existência, a saber: um Corpo & uma Alma.
2. Que a Energia, chamada Mal, provém apenas do Corpo, & que a Razão, chamada Bem, provém apenas da Alma.
3. Que Deus atormentará o Homem na Eternidade por ele se entregar às suas Energias.

Mas os seguintes Contrários a estes são Verdade:

1. O Homem não tem Corpo que seja distinto da Alma pois aquilo a que se chama Corpo é a parte da Alma discernida pelos cinco Sentidos, principais entradas da Alma nesta era.
2. A Energia é a única vida e provém do Corpo e a Razão é o limite ou circunferência exterior da Energia.
3. A Energia é o Eterno Deleite.»

Criação

De entre as gravuras propostas, escolhi "O anjo bom e o anjo mau lutando pela posse de uma criança", pelas dualidades que questiona e contesta.

Quando descobri que poderia optar por outra imagem para além das sugeridas, não hesitei: "O Ancião dos Dias" permitir-me-ia reflectir sobre a Criação/de Deus e do Homem/num ping-pong entre o Eterno e o efémero.

Em boa verdade, o que me fascinou foi a convergência, conjugação e fusão das duas gravuras mencionadas, em busca das diferenças, no mais alto grau, de sujeito e objecto/particularmente na criação.

Armando Azevedo

ARMANDO AZEVEDO, "tendo trocado a sua formação de jurista pela de artista plástico", dedicou-se especialmente ao desenho-pintura-colagem, à criação de objectos estéticos, ao "environnement", à instalação, à performance, à mail-art, ao livro do artista,... Fundou e coordenou o GICAPC, Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, co-fundou o Grupo Puzzle, que baptizou.
É docente na E.U.A.C..

ATELIER DO CORVO

[Carlos Antunes e Désirée Pedro]

instalação

Sete representações possíveis em torno da Escada de Jacob, 2007

a partir de Jacob's Dream (c. 1805), grafite, tinta e aguarela sobre papel,
37x29,2 cm

© Museu Britânico



Desenho baseado no sonho de Jacob, descrito no livro do Génesis (28:12). Neste passo é descrita a escada que liga a terra ao céu, pela qual Jacob sonha ver os anjos de Deus ascender. A forma da escada espiralada surge noutros desenhos de Blake, entre os quais «Epitome of Hervey's Meditations among the Tombs» (c. 1820) e «The Spiral Stairway», uma das ilustrações para a *Divina Comédia* (1824-27) de Dante.

EMANUEL BRÁS

s/título

Concelho de Vila de Rei, 2003

Impressão *lambda*

80x80 cm

Prova 1/5

a partir da gravura 11 de O Livro de Urizen (1794), água-forte em relevo, impressão a cor, acabamento a aguarela sobre papel, 14,8x9 cm, Exemplar A © Centro de Arte Britânica de Yale



Esta gravura faz parte d' *O [Primeiro] Livro de Urizen* (1794), e representa o momento em que Los sente piedade pelo horrífico Urizen que acabara de criar. Para Blake, a piedade é uma virtude negativa, associada ao fracasso da inspiração e a mais um estágio de divisão do Ser Humano uno da matéria original. O resultado desta criação é a emanção feminina de Los (Enitharmon), e esta gravura recapitula a criação de Eva, que há-de tomar forma a partir do globo de sangue. Corresponde aos seguintes passos do poema:

«6. Los chorou obscurecido pelo luto:
O sismo dos soluços a estremecer-lhe o peito;
Viu Urizen, negro mortal,
Em cadeias acorrentado, & a Piedade começou,

7. Angustiosa, a dividir & dividir,
Pois a piedade divide a alma
Em agonia, eternidades e eternidades,
A vida jorrou em cataratas pelas suas falésias
O vazio contraiu a linfa em Nervos
Que vagueavam vastos no peito da noite
E deixavam um globo redondo de sangue
A palpar sobre o Vazio.»

EMANUEL BRÁS é fotógrafo. Progressivamente, o seu trabalho tem-se focado sobre as problemáticas da paisagem no espaço contemporâneo. Este ano participou na exposição colectiva *Habitação*, patente em Outubro no TAGV. Em 2006 apresentou a exposição individual *Laboratório Chimico: a memória do lugar*, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e participou na colectiva *Roaring Machine*, aqui no TAGV. Em 2004 apresentou uma intervenção na fachada do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, inserida no Festival *Luzboa*; expôs o trabalho *Envoltório* na livraria XM, Coimbra. Em 2003 expôs individualmente *Ralo* no Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, e *Da experiência do lugar à paisagem- fotografia in situ*, em Marvila, Lisboa (em articulação com o projecto de sinalética urbana "sinais a cidade habitada"). Expõe individualmente desde 1997. Está representado nas Coleções: Banco Espírito Santo, Centro Português de Fotografia, Encontros da Imagem, e Fundação P.L.M.J.

Encontra-se a produzir exposição e livro, do último trabalho, *Lugares de Afecção*, desenvolvido entre 2003 e 2006.

É docente na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

GILBERTO REIS

s/título, 2007

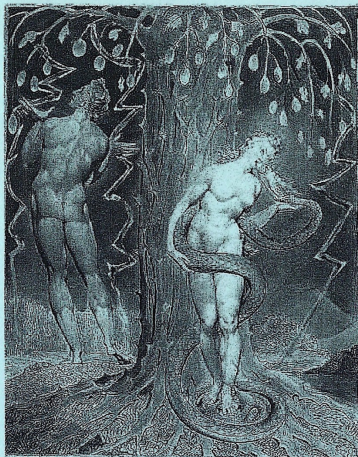
PEDRO POUSADA

s/título

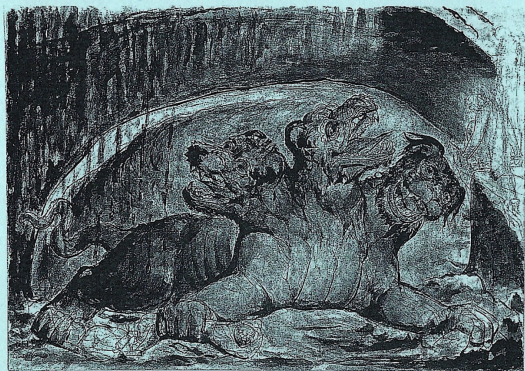
tinta da china sobre papel, 121,5x29,7 cm, 2007

a partir de «The Temptation and Fall of Eve» (da série de ilustrações para *Paradise Lost*, 1808), grafite, tinta e aguarela sobre papel, 49,7x38,7 cm

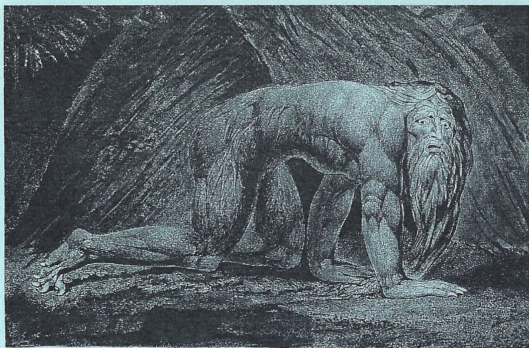
© Museum of Fine Arts, Boston



e de «Cerberus» (da série de ilustrações para a *Divina Comédia*, 1824-27), grafite, tinta e aguarela sobre papel, 37,2x52,8 cm
© Tate Gallery



e de «Nebuchadnezzar» (1795), impressão planográfica a cores sobre papel, com acabamento a tinta e aguarela, 44,6x62 cm
© Museu Britânico



e de «The Stygian Lake with the Ireful Sinners Fighting» (da série de ilustrações para a *Divina Comédia*, 1824-27), grafite, tinta e água-rela sobre papel, 52,7x37,1cm
© Tate Gallery



e de «Antaeus Setting Down Dante and Virgil in the Last Circle of Hell» (da série de ilustrações para a *Divina Comédia*, 1824-27), grafite, tinta e aguarela sobre papel, 52,6x37,4cm
© Fogg Art Museum



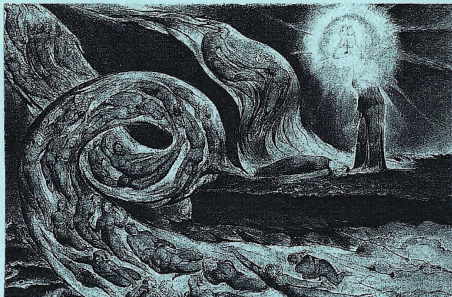
PEDRO POUSADA, artista plástico, concluiu o Curso Superior de Artes Plásticas/Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em 1993. Frequentou em 1995 um estágio de pintura na École Supérieure des Beaux-Arts de Paris, tendo sido aluno do pintor Vladimir Velicovick. Foi professor do Ensino Básico e Secundário na área da Grande Lisboa no período de 1996-1999. Assistente de Desenho no Departamento de Arquitectura da FCTUC, onde lecciona desde 1999. É responsável pela disciplina de Desenho I, leccionando igualmente na Disciplina de Desenho II. Em 2002 apresentou a sua dissertação de Mestrado, *Jorge Pinheiro: Superação e continuidade na imagem moderna*, tendo prestado as respectivas provas na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Encontra-se a desenvolver trabalho para a sua dissertação de Doutoramento explorando o tema do objecto de arte para-arquitectónico. Expõe a sua obra regularmente, tendo realizado exposições individuais e colectivas em Lisboa, Porto, Elvas, Viseu Coimbra e Glasgow.

TERESA AMARAL

s/ título, 2007

a partir de «The Circle of the Lustful: Francesca da Rimini» (da série de ilustrações para a *Divina Comédia*, 1824-27), grafite, tinta e aguarela sobre papel, 36,8x52,2 cm

© City Museums and Art Gallery, Birmingham



Esta ilustração corresponde ao Canto 5 do *Inferno*, de Dante (versos 25-45 e 127-142). Numa das chamas separadas, acima de Dante, desmaiado, vêem-se Francesca da Rimini e Paolo. Os outros pecadores carnavais são arrastados no redemoinho. Blake representa-os reunidos no amor, tal como Francesca e Paolo no sol acima de Virgílio. Francesca e Paolo encontram salvação na repetição do seu primeiro beijo. Blake reescreveu a visão ortodoxa de Dante acerca da condenação do pecado, uma vez que rejeitava a ideia da repressão não natural do desejo.

TERESA AMARAL (1975, Coimbra) é designer e docente na Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha (desde 2002). Tem participado em várias exposições colectivas de bd e ilustração comó "Zurzir o Gigante" (Interpress, Lisboa), "Laica no Espaço", "Desastres no Espaço" (Velha-a-Branca) e "Tenho visto carteiristas" (Bedoteca de Lisboa).

Nas ruas de Lisboa o seu trabalho tem sido reconhecido pelos seus cartazes feitos para os espectáculos no Cabaret Maxime. mulherbala.blogspot.com



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE
Praça da República, 3000-343 Coimbra
tel +351 239 855 630 *fax* +351 239 855 637
e-mail teatro@tagv.uc.pt *url* www.uc.pt/tagv
blog <http://blogtagv.blogspot.com>

edição Teatro Académico de Gil Vicente
coordenador Carlos Antunes
design Joana Monteiro
operador informático Gonçalo Luciano
produção Teresa Santos

Se deseja receber informações regulares sobre a programação do TAGV,
inscreva-se na nossa lista. Envie-nos uma mensagem para teatro@tagv.uc.pt,
colocando no assunto a palavra "subscrevo".